

Reir la risa de un niño, chorar lágrimas de crocodilo: um revisitar dos objetos cognatos entre expressões lexicalizadas e construções com verbos leves¹

Celda Gonçalves Morgado

celda@ese.ipp.pt

Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

ABSTRACT.

Cognate objects (OC) (*espirrar um espirro...*) can be paraphrased by light verbs (*dar um espirro*). However, some paraphrases appear to be ungrammatical or generate several readings (Brito & Choupina 2018; Gonçalves et al. 2010; Mirto 2007). Cognate objects are of various types (Choupina 2013a and b), with real cognates being more restrictive syntactically and semantically. There are more or less inflexible expressions that resemble structures with OC (*reir la risa...*, *chorar lágrimas de crocodilo...*) and that occur in certain languages, not being subject to the same morphosyntactic restrictions of good formation as the OC and distinguishing them for the conditions of use. It is the properties that OC, constructions with light verbs and lexicalized expressions share and those that individualize them that we will deal with in this article.

KEYWORDS.

Syntax; cognate objects; light verbs; lexicalized expressions; argument structure.

RESUMO.

Os objetos cognatos (OC) (*espirrar um espirro...*) podem ser parafraseados por verbos leves (*dar um espirro*). No entanto, algumas paráfrases afiguram-se agramaticais ou geradoras de várias leituras (Brito & Choupina 2018; Gonçalves et al. 2010; Mirto 2007). Os objetos cognatos são de vários tipos (Choupina 2013a e b), sendo que os verdadeiros cognatos são mais restritivos sintática e semanticamente. Há expressões mais ou menos inflexíveis que se assemelham a estruturas com OC (*reir la risa...*, *chorar lágrimas de crocodilo...*) e que ocorrem em determinadas línguas, não estando sujeitas às mesmas restrições morfosintáticas de boa-

¹ Não posso iniciar este texto sem antes agradecer à professora Ana Maria Brito todos os ensinamentos, as lições e os conselhos que me deu durante todo o meu percurso académico e em grande parte da investigação que tenho desenvolvido. As ideias apresentadas neste artigo não são minhas, são, por todas as razões possíveis, nossas. E é por serem nossas que revisitar os Objetos Cognatos fez tanto sentido para mim neste momento de homenagem. Obrigada, professora Ana Maria Brito, pela amizade e sabedoria que tem partilhado comigo. É um prazer e uma honra ter sido sua aluna e trabalhar consigo.

Este trabalho é financiado pelo Centro de Linguística da Universidade do Porto, ao abrigo do Programa de Financiamento FCT-UIDB/00022/2020 (Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

formação que os OC e distinguindo-se deles pelas condições de uso. É das propriedades que OC, construções com verbos leves e expressões lexicalizadas partilham e das que as individualizam que nos ocuparemos neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE.

Sintaxe; objetos cognatos; verbos leves; expressões lexicalizadas; estrutura argumental.

0. Sobre a divisão de trabalho entre Léxico e Sintaxe - Considerações introdutórias

Nos últimos 50 anos, os domínios de investigação sobre a Linguagem e as competências linguísticas têm valorizado os campos de interface. “Sobre a divisão de trabalho entre Léxico e Sintaxe: algumas reflexões” é precisamente o título² da conferência que a professora Ana Maria Brito proferiu na abertura do *XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, decorrido em 2011, em Lisboa (Brito 2012). Esta conferência teve como ponto de partida a ideia do modelo de gramática em Y (proposto desde Chomsky 1981), com vista à problematização da relação Léxico-Sintaxe no que se refere: i) ao tipo de informação lexical dos predicados que deverá ser relevante para a Sintaxe; ii) à combinatória e interpretação de expressões idiomáticas; iii) à formação de palavras, especificamente as nominalizações deverbais derivadas de verbos transitivos com o sufixo <-ção>. Outros trabalhos da homenageada são exemplo também das suas preocupações ao nível da compreensão da arquitetura da gramática, das fronteiras entre as suas componentes e das áreas de interface que permitem explicar diversos fenómenos que não só à Sintaxe parecem dizer respeito, como sejam, a título de exemplo: infinitivo nominalizado; nomes deverbais de verbos causativos e de verbos eventivos; nominalizações deverbais em <-da>; verbos leves e verbos com objetos cognatos; verbos de movimento em PE e em LGP.

Não poderia deixar de convocar para tema central deste texto, que se pretende que constitua uma singela homenagem à Professora Ana Maria Brito – minha professora de Sintaxe desde o 1.º ano da licenciatura e com quem tive o prazer de realizar fascinantes caminhadas académicas –, um

² O texto referente a esta conferência pode ser consultado em https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/Brito_conferencia.pdf.

tema que muitos encontros e discussões científicas nos tem motivado já desde a orientação do meu projeto de doutoramento – os objetos cognatos. As construções com objetos cognatos são, precisamente, um fenómeno linguístico que, em diversos quadros teóricos, tem promovido vários estudos no âmbito de diversas áreas de interface, desde morfologia-sintaxe; léxico-sintaxe; semântica-sintaxe; semântica-sintaxe-pragmática.

Em diversas línguas do mundo há construções com objetos cognatos (OC), como (1) a (4) ilustram para o Português Europeu (PE), o Francês (F), o Inglês (I) e o Espanhol (E), respetivamente.

- (1) Ele espirrou *um espirro deselegante*. (PE)
- (2) Le bébé a pleuré *un pleur convulsif*. (F) (Choupina 2013a)
- (3) She slept *the sleep of the just*. (I) (Hale & Keyser 2002: 71)
- (4) Juan cantó *una canción*. (E) (Gallego 2008: 6)

Estas construções são consideradas objetos cognatos (Hale & Keyser 2002) ou argumentos sombra (Pustejovsky 1998), sendo constituídas tipicamente por um verbo e um nome cognatos morfologicamente (*espirrar-espirro*, para o PE). No entanto, o verbo e o nome não apresentam a mesma relação sintático-semântica em todas as construções, como veremos pelos dados apresentados nas secções seguintes.

As Línguas Românicas colocam problemas novos e, em parte, põem em causa o tratamento clássico do fenómeno dos OC, encetado por Hale e Keyser (2002), principalmente para o Inglês, assim como a perspetiva contrastiva de Real-Puigdollers (2008), análises desenvolvidas no âmbito de teorias lexicalistas.

Por julgarmos que a abordagem contrastiva entre as construções com verbos e objetos cognatos, como em (1) a (4) acima, as construções com verbos leves (5) e as expressões consideradas mais lexicalizadas (6) nos pode levar a novas discussões e conclusões, organizaremos este artigo em três partes essenciais: em 1., ocupar-nos-emos da discussão de algumas restrições e tipos de construções com objetos cognatos; em 2., faremos uma análise comparativa com os verbos leves; e em 3., refletiremos sobre as restrições que as expressões mais lexicalizadas impõem.

- (5) a) Ele deu um espirro deselegante.
b) Ele deu um espirro.
- (6) a) Reir la risa de un niño.
b) Chorar lágrimas de crocodilo.
c) To slept the sleep of the just.

1. Construções com objetos cognatos - algumas restrições e tipos

Os OC em análise neste artigo surgem na posição de Objeto Direto e podem ser acolhidos por verbos tradicionalmente considerados intransitivos (7), de alternância transitiva /intransitiva (8) e inacusativos (9)³.

- (7) Ele **espirrou** *um espirro deselegante*.
- (8) Os concorrentes **dançaram** *uma dança encantadora*.
- (9) O assaltante **morreu** *de uma morte atroz*.

Os objetos cognatos em itálico nos exemplos (7) e (8) são SN formados por um determinante indefinido, um nome cognato do verbo que os acolhe e um modificador adjetival (SN = [Det_{ind} + N_{cog} + Adj]). A definitude e a modificação são duas propriedades que não apresentam o mesmo estatuto em ambas as construções: em (7) são restrições obrigatórias para a boa formação da construção; em (8) apresentam-se opcionais. Veja-se a agramaticalidade dos exemplos em (10), em comparação com a boa formação em (11).

- (10) a) *Ele espirrou o espirro deselegante.
b) *Ele espirrou um espirro.
c) *Ele espirrou o espirro.
- (11) a) Os guerreiros dançaram a dança esquisita.
b) Os guerreiros dançaram uma dança.
c) Os guerreiros dançaram a dança.

³ Seguiremos de perto Choupina (2013a; 2013b).

As construções em (11) melhoram em função da existência de discurso contextualizador⁴, enquanto os exemplos com o verbo *espurrar* continuam agramaticais. O exemplo (9), em PE, contém um SP em vez de um SN na posição de objeto, embora línguas como o Português do Brasil (Leung 2007) e o Inglês (Hale & Keyser 2002) admitam a construção com um SN, como em (12).

- (12) a) O assaltante **morreu** *uma morte atroz*. (PB)
b) The robber **died** *an atrocious death*. (I)

Consideraremos, no seguimento de estudos anteriores (cf. Choupina 2013a), que a natureza preposicional do sintagma em que o OC se encontra não é impeditiva da existência de OC verdadeiro, uma vez que, em certas línguas⁵, esses OC são também SN, como foi ilustrado. Neste sentido, os OC em (7) e (9) são OC verdadeiros, com as mesmas restrições, e o OC em (8) é aparentado.

O que parece claro, até ao momento, é que existem duas condições para a gramaticalidade dos OC verdadeiros em PE: indefinidade e modificação. No entanto, o critério da indefinidade não tem sido considerado absolutamente uniforme e distintivo por todos os estudiosos das Línguas Românicas, como é o caso de Real-Puigdollers (2008: 170). Ao estudar línguas como o Espanhol, o italiano e o Francês, a autora recusa a indefinidade como propriedade básica dos OC, sustentando o seu ponto de vista com exemplos estritamente idiomáticos, como os transcritos em (13). Afastar-nos-emos desta conceção (cf. também em Choupina 2013a) e aceitaremos a indefinidade como condição *sine qua non* para a existência de OC verdadeiros.

⁴ Frases do tipo (i) e (ii) seriam perfeitamente bem formadas em PE.

(i) Os concorrentes dançaram a dança tradicional e os jurados dançaram a dança inovadora.

(ii) Todos os dias em que lá estivemos, os guerreiros dançaram a dança.

⁵ Em Francês, os OC preposicionais são muito comuns, vejam-se os exemplos seguintes, em que no Espanhol e no Inglês temos SN:

(i) a) Reir *la risa de un niño*. [Espanhol]

b) Rire *d'un rire d'enfant*. [Francês]

(ii) a) She slept *the sleep of the just*. [Inglês] (Hale & Keyser 2002: 71)

b) Elle a dormi *du sommeil du juste*. [Francês]

(iii) a) He laughed *his last laugh*. [Inglês] (Hale & Keyser 2002: 71)

b) Il a ri *de son dernier rire*. [Francês]

- (13) a) Reir la risa de un niño. (Espanhol)
b) Pleurer toutes les larmes de son corps. (Francês)

Também a possibilidade de substituição de um OC por um objeto hipónimo (OH) reforça a distinção entre os OC verdadeiros e os OC aparentados. Na construção (8), o OC aparentado pode ser substituído por um OH, enquanto a substituição de um OC verdadeiro, como em (7), por um OH produz agramaticalidade, o que comprova a impossibilidade de alternância OC verdadeiro/OH, como (14) e (15) ilustram.

- (14) Os concorrentes **dançaram** *valsa/a valsa/valsa*.
(15) Ele **espirrou** *um *(espirro) alérgico/*o espirro alérgico/?espirro alérgico*.

Em (14), o verbo *dançar* pode acolher uma OH, seja com um artigo indefinido (*uma valsa*), seja com um definido (*a valsa*) ou vazio (*valsa*) e sem modificador restritivo; em contraste, *espirrar* (15) não fornece nenhum hipónimo e o OC exige sempre o nome *espirro* (*um *(espirro) alérgico*), um artigo indefinido e um modificador restritivo. Ainda que *um espirro alérgico* tenha uma aproximação à leitura “tipo de”, a presença do nome cognato do verbo atribui à construção um estatuto diferente do OH com o verbo *dançar*, *uma valsa*.

Gallego (2012: 103) segue igualmente esta distinção, para o espanhol *standard*, denominando as construções com os verbos *cantar*, *comer* e *beber* hipónimos alternantes; também Silva (2010: 17), para o PB, designa estas construções com verbos de alternância como verbos com objetos cognatos não prototípicos, por oposição aos verbos com cognatos prototípicos.

Nesta linha de pensamento, consideraremos como verbos propícios à construção com OC aparentado os verbos de ingestão (*comer*, *beber*, *fumar*, etc.), os verbos de movimentos (*dançar*, *caminhar*, *correr*, etc.) e alguns relativos a atividades intelectuais (*estudar*, *ler*); consideraremos os verbos de reação física (*espirrar*, *tossir*, *rir*, *sorrir*, *chorar*, *dormir*, etc.), alguns cognitivos (*sonhar*, *pensar*) e alguns verbos de estado meteorológico (*chover*, *trovejar*, *relampejar*, *nevar*, etc.) como verbos favoráveis à ocorrência de construções com OC verdadeiro.

Têm sido, ainda, referenciados vários tipos de OC na literatura, sendo

que muitas teorias tocam a distinção entre OC verdadeiro e OC aparentado, sem utilizar, porém, esta terminologia. Segundo Takami & Kuno (2002), citado por Kitahara (2006; 2007), há duas categorias semânticas de construções com OC em Inglês, construções predicativas (16) e construções referenciais (17).

(16) a) Mary smiled *Marilyn Monroe's smile*. (Kitahara 2006: 125)

b) Sam smiled *a beautiful smile*. (Kitahara 2007: 67)

'Sam sorriu um lindo sorriso.'

c) Harry lived *an uneventful life*. (Jones 1988: 91)

'Harry viveu uma vida sem complicações.'

d) John died *a gruesome death*. (Jones 1988: 89)

'John morreu uma morte horrível.'

Os OC do tipo (16a) não são referenciais, até porque não permitem a pronominalização e dificilmente aceitam a topicalização, como em (17a e b) se ilustra, sendo considerados por Takami e Kuno (2002) objetos predicativos; enquanto os SN de (16c e d) em itálico são considerados referenciais, parafraseáveis por advérbios e/ou adjetivos adverbiais, como em (17c, d e e).

(17) a) *Mary smiled it, too.

b) *Was Marilyn Monroe's smile that smiled Mary.

c) Sam smiled *beautifully*.

'Sam sorriu lindamente.'

d) Harry lived *uneventfully*.

'Harry viveu sem complicações.'

e) John died *gruesomely*.

'John morreu horrivelmente.'

Esta distinção semântica afigura-se-nos interessante para o paralelo entre as construções com OC e as construções com verbos leves que a seguir se desenvolve.

Em PE, justificam-se, então, quatro tipos de objetos distintos (Choupina 2013a), com propriedades comuns, mas também com propriedades que os diferenciam: OC verdadeiros, com obrigatoriedade de artigo indefinido e

modificador (*espirrar um espirro deselegante*); OC aparentados, sem restrição de indefinidade e modificação (*dançar uma/a dança*); objetos hipónimos, relação hipo/hiperonímica, (*dançar um valsa*), e OC preposicionais, encabeçados por preposição e com restrições fortes de indefinidade e modificação (*morrer de uma morte trágica*). Como veremos, as paráfrases dos OC por construções com verbos leves (ou suporte) são produtivas em PE (*dar um espirro*); no entanto, algumas paráfrases afiguram-se difíceis, o que talvez possa corroborar a hipótese de vários tipos de OC e também de verbos leves diferentes.

3. Os Objetos Cognatos e os Verbos leves

Tal como já notado por Choupina e Brito (2018), há alguma proximidade entre construções com OC e construções com verbos leves.

Assim, em diversas línguas, nomeadamente no PE, as construções cognatas podem ser parafraseadas por construções com verbos leves (ou suporte). Porém, a substituição não se revela uniforme com todos os verbos e os tipos de OC já mencionados. Limitemos a análise aos OC verdadeiros e aparentados. Neste sentido, há graus diferentes de aceitabilidade das construções com verbo leve, (18) e (19), e há mesmo várias leituras para certas construções, como em (20) e (21).

(18) O bebé *deu um espirro*.

(19) O bebé **deu/?fez/?teve um choro sufocante*.

(20) #O bebé *teve um sono irritante*.

(21) #Os concorrentes *fizeram uma dança encantadora*.

(22) O assaltante *teve uma morte atroz*.

Se na construção (18), com o par cognato *espirrar-espirro*, a substituição do verbo *espirrar* pelo verbo leve *dar* é perfeitamente possível, no par *chorar-choro*, (19), a paráfrase é mais restritiva e há mais dificuldade em optar por um dos verbos leves disponíveis em PE: com *dar* o exemplo é agramatical e com *fazer* e *ter* é duvidoso, embora melhore com *ter*. Propriedades aspetuais intrínsecas aos diferentes verbos leves poderão explicar (pelo

menos parcialmente) esta questão (cf. Choupina & Brito 2018; Gonçalves *et al.* 2010).

Nos exemplos (20) e (21), as paráfrases geram, pelo menos, duas leituras diferentes: em *ter um sono irritante* podemos admitir uma primeira leitura em que o bebé teve sono e dormiu efetivamente e uma segunda em que o bebé revelou um estado de cansaço irritante, mas não dormiu (por razões não identificadas); em *fizeram uma dança encantadora* percebemos, igualmente, duas leituras: os concorrentes criaram uma dança encantadora, enquanto autores, ou os concorrentes executaram uma dança que era encantadora.

Desta breve análise e num primeiro momento, poderíamos pensar que as paráfrases de OC por verbos leves estivessem mais facilmente disponíveis para os OC verdadeiros do que para os OC aparentados. Os exemplos antes analisados continham paráfrases de OC verdadeiros, nomeadamente (18), (19) e (20), e de OC aparentados, como é o caso do exemplo (21).

Em (22), a paráfrase é boa e prova que o constituinte *uma morte atroz* pode ser um SN e a preposição exigida pelo verbo *morrer*, em algumas línguas, quando este se combina com o cognato nominal, parece funcionar como licenciadora de mais um constituinte interno ao predicado. Dizemos mais um constituinte porque, a partir de Perlmutter e a hipótese inacusativa, se pensa que o sujeito, nos verbos inacusativos, é gerado na posição de argumento interno. Assim, estando a posição de argumento interno ocupada, era necessário providenciar uma outra posição para o OC.

Alguns verbos inacusativos não aceitam OC, como em (23) e (24), para o Inglês e o Português; alguns verbos de alternância incoativa também não, (25).

(23) a) *He arrived an early arrival. (Silva 2010: 51)

b) *Ele chagou uma chegada antecipada.

(24) a) *The baby was born a difficult birth.

b) *O bebé nasceu *(de) um nascimento difícil.

(25) a) *The glass broke a crooked break. (Takami & Kuno 2002: 134)

b) * O vidro quebrou uma quebra torta.

Vejamos o que acontece com o verbo inergativo *dormir*, no PE, nos exemplos (26), em primeiro lugar.

- (26) a) O bebé dormiu.
b) O bebé dormiu um sono/*uma dormida.

O verbo *dormir*, seguido de OC, em PE, apenas permite a coocorrência com o nome *sono* e não com o nome cognato morfológico (cf. **dormir uma dormida*), (26b). Este tipo de construção (*dormir-sono*) pode também ser considerado um OC verdadeiro (um segundo tipo), por quadro razões: (i) o PE não fornece nenhum cognato nominal morfológico do verbo, daí a agramaticalidade de **dormir uma dormida*; (ii) o nome autorizado na construção é semanticamente cognato (*dormir um sono*); (iii) há línguas que permitem o cognato morfológico, como o Português do Brasil (27) e o Inglês (28); (iv) há línguas com produtividade de construções com verbos leves.

- (27) *Dormiu* uma dormida agradável. (PB)
(28) *We slept* a refreshing sleep.
'Nós dormimos um sono reparador.'

Predicados com verbos cognatos e predicados com verbos leves

No âmbito da discussão acerca do estatuto argumental e funções sintático-semânticas dos OC, bem como do estatuto de predicado dos verbos que os acolhem, por um lado, e dos verbos leves, por outro, convém olharmos criticamente para algumas propostas. Veremos, em particular, duas propostas, de alguma forma, antagónicas: a proposta dos OC como integrados num predicado nominal, à semelhança dos predicados com verbo leve, de Mirto (2007), para o Inglês, e a de Gonçalves *et al.* (2010), para a defesa dos verbos leves, no PE, como predicados complexos, seguida já por Choupina e Brito (2018).

Mirto (2007), em retoma de Moltmann (1989), defende a natureza predicativa dos OC, ao considerá-los inseridos num predicado nominal, tal como ocorre nas construções com verbos leves. Considera, então, os nomes *postverbaís* como nomes predicativos.

Vejam os exemplos do autor em (29) e (30).

- (29) The two boxers fought. (Mirto 2007: 2)
'Os dois pugilistas combateram.'
- (30) The two boxers had a fight. (Mirto 2007: 3)
'Os dois pugilistas tiveram um combate.'

Na frase (29), o verbo *fight* atribui função sintática de sujeito a *the two boxers* e uma interpretação semântica relacionada com combater/lutar. O Inglês dispõe da paráfrase em (30), com o verbo leve *have* [ter], em que o nome *postverbal fight* [combate] é que atribui a *the two boxers* tanto a função sintática como o papel semântico, as quais parecem, segundo a proposta de Mirto (2007), totalmente comparáveis às de (29). Assim, as frases (29) e (30) são paráfrase uma da outra e implicam-se mutuamente. Para Mirto, porém, uma paráfrase ou uma implicação são entendidas apenas com referência ao significado base, ou seja, o significado deriva das funções sintática e semântica atribuídas pelo predicado (seja verbal ou nominal). Em (29) e (30), existem, simultaneamente, duas leituras implicadas: (i) um evento combate existe; (ii) dois pugilistas são lutadores.

Um outro argumento do autor a favor desta aproximação das duas construções é a inserção de um advérbio na construção com um verbo pleno (31a) e a correspondente inserção de um adjetivo na construção com verbo leve (31b), de alguma forma semelhante à proposta de Takami e Kuno (2002), para a interpretação dos OC como predicativos.

- (31) a) The two boxers fought *ferociously*. (Mirto 2007: 3)
Os dois pugilistas combateram ferozmente.'
- b) The two boxers had a *ferocious* fight.
'Os dois pugilistas tiveram um feroz combate.'

Nos exemplos (31), as relações de paráfrase e de implicação permanecem inalteradas com as inserções, sendo que o mesmo efeito sintático-semântico é criado por ambas as modificações. Este efeito pode ser observado também nas estruturas com OC. Em inglês, a modificação de um nome é semanticamente comparável à modificação de um verbo⁶, como em (33) para (32).

⁶ "Modification of the noun [...] is semantically comparable to modification of the verb" (Huddleston, R. & Pullum, G. K. (2002). *The Cambridge Grammar of the English Language*, Cambridge: CUP) apud Mirto (2007: 3).

(32) He grinned wickedly. (Mirto 2007: 3)

‘Ele sorriu maliciosamente.’

(33) He grinned a wicked grin. (Mirto 2007: 3)

‘Ele sorriu um malicioso sorriso. /Ele sorriu um sorriso malicioso.’

Assim, a comparação entre (32) e (33) sugere, para Mirto (2007), que em (33) o nome *grin* é predicativo e o verbo *grin* é um verbo leve. Esta hipótese nasceu da relação sintática e semântica que parece haver entre um nome *postverbal* e o sujeito da oração. Esta é a razão pela qual Mirto (2007) defende também que, numa frase como (34), *life* é o núcleo nominal de um OC predicativo, tal como ocorre nas construções com verbo leve (cf. também Mittwoch 1998).

(34) She lived a good life. (Mirto 2007: 3)

‘Ela viveu uma boa vida. /Ela viveu uma vida boa.’

Para Mirto (2007), os OC recebem, então, a função sintática de nomes predicativos, porque inseridos num predicado nominal semelhante ao das construções com verbos leves. Naturalmente, o autor está aqui a refletir a existência de verbos leves diferentes: uns [+ lexicais] e outros [- lexicais]. No grupo dos verbos leves [+ lexicais] teríamos os verbos com OC e no conjunto dos [- lexicais] teríamos os típicos verbos leves.

Vários problemas devem ser discutidos a partir desta proposta de Mirto:

- (i) podendo ser estes OC, como vimos na secção anterior, referenciais (e não predicativos), pensamos que está a fazer-se uma generalização abusiva;
- (ii) podendo haver a hipótese de estarmos perante uma oração pequena (*small-clause*) em “uma vida boa”, pensamos que pode estar a estender-se a possível função predicativa do adjetivo *boa* a todo o SN;
- (iii) podendo as modificações por advérbio de um predicado e por um adjetivo de um nome, como as que Mirto sugere, ser problemáticas, por poderem gerar leituras diversas, estarão a aproximar-se questões de base bem diferentes. Parte dos problemas aqui levantados ficarão sem uma resolução cabal, por limite de tempo/espço e serão discutidos em trabalhos futuros. No entanto, resolveremos, parcialmente, as questões se adotarmos a proposta de dois

tipos de verbos leves, sendo que os verbos com OC se assemelhariam aos verbos leves [+ lexicais].

Tomemos em consideração, agora, a proposta de predicados complexos com verbos leves de Gonçalves *et al.* (2010). Em PE, existem verbos leves que, quando combinados com um nome deverbal, integram um predicado complexo, com propriedades de seleção sintática e semântica – é o caso dos verbos leves *dar*, *fazer* e *ter*, segundo Gonçalves *et al.* (2010).

Os autores apresentam as seguintes propriedades como argumentos a favor da ideia de que os verbos leves são predicados complexos⁷:

(i) *os verbos leves podem preservar a estrutura argumental do verbo pleno correspondente:*

- (35) a) O Pedro deu uma gravata ao pai. (PE)
- b) O Pedro deu uma leitura ao texto. (PE)
- c) O Pedro deu uma lida ao/no texto. (PB)

O verbo leve *dar*, nos exemplos (35b e c), preserva a estrutura argumental de três argumentos, tal como no verbo pleno em (35a). Mas, se pensarmos em estruturas cognatas com verbos tipicamente de 0 argumentos internos, como são os verbos *espirrar* e *dormir*, tal já não se verifica, como nos exemplos (1) e (27), para o PE e o PB respetivamente, aqui repetidos como (36) e (37).

- (36) a) Ele espirrou *um espirro* *(*deselegante*).
- b) Ele deu *um espirro* (*deselegante*).
- (37) a) *Dormiu* uma dormida ?(agradável).
- b) Deu uma dormida (agradável).

De facto, o verbo leve, nestas construções, não está sujeito às mesmas restrições sintáticas, número de argumentos, que os verbos plenos correspondentes, nem às mesmas restrições sintático-semânticas das

⁷ Apenas nos debruçaremos sobre os exemplos com o verbo leve *dar*, por limites de espaço.

construções com verbo e objeto cognatos, uma vez que aquelas não exigem modificador restritivo no SN e estas exigem.

(ii) *os verbos leves também são responsáveis para seleção semântica do argumento externo, contrariamente ao que acontece com os verbos auxiliares:*

- (38) a) O João tinha empurrado o carro que estava estacionado.
b) A chuva tinha empurrado o carro que estava estacionado.
(39) a) O João deu um empurrão ao carro que estava estacionado.
b) *A chuva deu um empurrão ao carro que estava estacionado.

Gonçalves *et al.* (2010) justificam a agramaticalidade de (39b) em função das propriedades de seleção do verbo leve *dar*, que, contrariamente ao verbo pleno *empurrar* (num tempo composto e auxiliado por *ter*, em (38)), parece não admitir um argumento externo Causa com o traço de [-animado], como acontece em (38b), *a chuva*. Porém, consideramos, numa linha ligeiramente diferente da dos autores, que as propriedades de seleção poderão ser do predicado composto e não estritamente do verbo leve, dado que aquele inclui um nome tradicionalmente considerado deverbal e que em Morfologia Distribuída (MD) se considera formado da mesma raiz (acategorial) que forma o verbo. Uma raiz, no modelo da MD, é inserida na estrutura sintática apenas com traços mínimos de significado, que lhe permitem, contudo, ao fundirem-se com os *f*-morfemas (morfemas de categoria), fazerem a seleção sintática e semântica do argumentos externo e interno, se assim puder ser considerado.

(iii) *os verbos leves preservam parte do significado e da estrutura argumental dos verbos plenos correspondentes:*

- (40) O João deu uma gravata ao pai.
(41) O João deu um abraço ao pai.

Em (40), há uma transferência da entidade *uma gravata* do possuidor A [o João] para o possuidor B [o pai], como resultado de uma situação

eventiva intencional; em (41), podemos admitir que parte do significado de transferência é mantida, pelo que a situação eventiva da transferência intencional também se mantém, ainda que se coloquem, pelo menos, dois problemas: em (41), um abraço (supostamente entidade a transferir) não é uma entidade autónoma do evento, como em (40), ou seja, não pré-existe nem subsiste posteriormente ao evento de abraçar o pai, por ser um *possessum* inalienável do evento. No entanto, preserva-se a existência de três argumentos, tal como os autores pretenderam defender.

A análise crítica destas duas propostas permite-nos retirar algumas conclusões: (i) as construções com OC são apenas parcialmente parafraseáveis por verbos leves; (ii) as paráfrases por verbos leves mantêm apenas parcialmente as estruturas argumentais dos verbos plenos correspondentes; (iii) as construções com verbo e OC e as construções com verbo leves aproximam-se, porém, distinguem-se no conteúdo informativo, pelo que umas serão consideradas [+lexicais], porque mais informativas, que as outras.

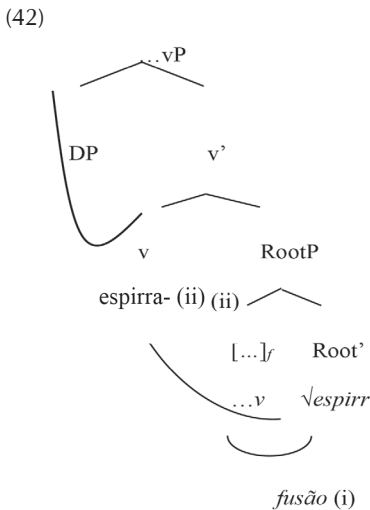
Parece-nos, desta forma, importante equacionar, na tentativa de solucionar a problemática aqui enunciada, a existência de tipos de verbos leves diferentes, assim como verbos com OC, o que promove outro tipo de discussão e talvez a aceitação de uma classificação escalar, quanto à fixidez, para os tipos de verbos – um *continuum*. Admitir um *continuum* no que se refere aos tipos de verbos leves permite ultrapassar uma solução mais simples e tradicional, em que apenas se admite a bipartição verbo pleno vs. verbo leve e para este optar por uma de duas soluções (já enunciadas em Butt 2010, e retomadas em Choupina & Brito 2018): i) o verbo leve é semanticamente vazio, isto é, a sua função é simplesmente licenciar a predicação construída a partir de um elemento não-verbal, neste caso uma nominalização deverbal; ou ii) o verbo leve é predicativo e faz a seleção semântica e sintática dos argumentos, tal como o verbo pleno correspondente, e forma um predicado complexo (Choupina & Brito 2018: 163).

A ideia de existência de vários tipos de verbos leves não é nova, já em Choupina e Brito (2018) foi discutida a possibilidade de haver dois valores para o verbo leve *dar* em PE: i) um que conserva os três argumentos, como em *dar uma ajuda ao filho*, aproximando-se do verbo *dar* pleno; ii) outro que, mais próximo do que será um verdadeiro verbo leve, apresenta, aparentemente, apenas dois argumentos, *dar um espirro*, aproximando-se

estes mais das construções com OC. Este segundo tipo de *dar* enquanto verbo leve parece formar um predicado complexo com o nome deverbal, ocorrendo em combinações com nomes deverbais de movimento (como *caminhada*, *salto* e *pulo*...) e de atos/reações do corpo (como *gemido*, *grito*, *espirro*, *suspiro*...).

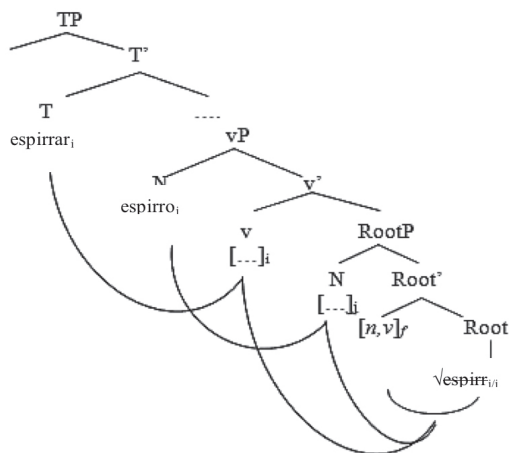
Estruturalmente, para dar conta destes dois valores de verbos leves, adotamos as estruturas propostas em Choupina e Brito (2018: 172): o verbo leve ditransitivo, como elemento predicativo, é gerado em V (posição baixa da estrutura de VP), ascendendo, tal como um verbo pleno, a posições superiores; o verbo leve integrado num predicado complexo com nome deverbal é inserido diretamente em v (seguindo uma proposta, comumente, aceite em Sintaxe). Choupina (2013a), no quadro da Morfologia Distribuída, justifica a inserção do verbo leve diretamente em v pela ausência de inserção de uma raiz verbal e, consequentemente, ausência de movimento para v, sendo que a raiz inserida é nominalizada em RootP por um morfema nominal (Choupina 2013a: 249).

Uma questão se coloca: qual a solução para os verbos com OC em paralelo com as soluções adotadas para os dois valores diferentes de verbos leves? Admitindo, então, que a sintaxe verbal tem, pelo menos, dois níveis estruturais (RootP e vP), a estrutura parcial para dar conta da construção com OC verdadeiro *espirrar um espirro* poderia ser a apresentada em (42), conforme Choupina (2013a).



O item de vocabulário resultante da fusão da raiz *espirr-* com o *f-* morfema verbal (etapa (i)) é, pelo processo de movimento por cópia (Haugen 2009), copiado para *v* (etapa (ii)); depois da subida da cópia verbal, esta deixa traços fonológicos na posição da raiz (a cópia baixa), que podem ou não tornar-se visíveis no módulo Enciclopédia⁸. Assim, em (42), o núcleo, num só *spell out*, produz duas cópias: uma cópia alta (núcleo de [*v, v*']), que sobe a fim de verificar os traços de Voz, Aspetto e Tempo, específicos das formas verbais flexionadas/finitas, e uma cópia baixa (projetada na posição de especificador de RootP), que se move para uma posição de especificador de *vP* para verificar os traços de acusativo, como ilustrado em (43). O facto de haver duas cópias projetadas no mesmo movimento permite a coindexação sintática, nos moldes de Massam (1990), assim como a leitura de evento deste tipo de OC.

(43)



Desta forma, a construção com OC *espirrar-espirro* é abstratamente possível. Repare-se, no entanto, que não é a combinação *espirrar-espirro* que está simplesmente em causa, mas *espirrar um espirro* seguido de modificador restritivo (*espirrar um espirro deselegante*). Por essa razão, Haugen (2009)

⁸ O módulo Enciclopédia é uma das três componentes que integram a arquitetura de gramática em MD, contendo entradas que relacionam itens de vocabulário a significados, podendo albergar informações extralinguísticas, relacionadas com a interpretação semântica dos elementos já gramaticalmente formados.

propõe a noção de inserção tardia⁹, que autorizaria a inserção de material não cognato numa estrutura já formada. Além disso, o autor defende uma teoria de cópia¹⁰ que lhe permite a análise de objetos cognatos.

Deste modo, o autor e, na sequência dele, para o Português, Choupina (2013a: 245-49), sugere o mesmo tipo de estrutura para construções com objetos cognatos e para os predicados com verbos leves e nomes deverbais, com a diferença de que o verbo leve é inserido, por inserção tardia, apenas em v. Assim, na ausência de fusão da raiz verbal com um morfema categorizador e sem movimento para v, o verbo leve é inserido diretamente em v. Nesta perspetiva, os verbos leves são uma “solução” que evita a redundância morfossemântica das estruturas com objetos cognatos (veja-se *espirrar / espirrar um espirro...*) e também uma “solução” para estruturas com nomes deverbais que não autorizam estruturas com cognatos.

4. Problemática dos objetos cognatos e das expressões lexicalizadas

Como temos vindo a verificar, o critério de indefinidade parece ser comum aos OC verdadeiros, em várias línguas. Neste sentido, é estranho que tal critério não seja visto, por alguns linguistas, como homogéneo nas várias línguas em que as construções ocorrem (cf. Real-Puigdollers 2008; Leung 2007, entre outros).

Por facilidade de análise, repetimos alguns exemplos em (44).

⁹ Inserção tardia é uma operação no quadro da MD que diz respeito à atribuição de conteúdo fonológico às categorias sintáticas (abstratas), que se formaram por associação dos f-morfemas a l-morfemas, com aplicação das operações *merge* e *move*. Após a sintaxe, tornam-se expressões fonológicas, por inserção de item vocabular (*Spell-Out*), operação pós-sintática, em diferentes momentos da derivação sintática (cf. Marantz, 1993).

¹⁰ Ainda que inspirado no mecanismo da cópia do Programa Minimalista, o movimento por cópia adotado pela MD apresenta algumas particularidades que convém realçar: (i) a cópia é um componente da operação sintática mover (*move*); (ii) a cópia pode ocorrer ao nível de traços, presentes quer em morfemas lexicais (as raízes), quer em morfemas funcionais, o que permite a ocorrência da mesma forma morfológica, mas com traços especificadores distintos, assim como a concordância entre vários elementos, como, por exemplo, em número e género, por meio da cópia de traços; (iii) uma raiz, acategorial, pode gerar múltiplas cópias, de categorias distintas; (iv) por movimento por cópia, um item de vocabulário (resultante da fusão da raiz com o morfema categorizador), sendo subespecificado, pode igualmente ser inserido em núcleos distintos, gerando mais que uma cópia, uma vez que ainda não possui expressão fonológica; (v) pode haver sobrevivência da segunda cópia sem a cópia geradora, desde que copie traços suficientes para aceder à forma fonológica ou, então, o nó terminal da sintaxe onde é inserido contenha os traços necessários para a sua especificação. Assim, a sintaxe pode gerar especificação necessária, que se encontra ausente no item de vocabulário; (vi) não há lugar a mecanismos de redução de cadeias, dado que o não *spell out* impede a visibilidade em forma fonológica de uma ou várias cópias; (vii) há licenciamento de várias cópias, por via de condições pós-sintáticas de localidade ou de regras morfológicas. (cf. Halle & Marantz 1994, e.o.)

- (44) a. *Reir la risa de un niño*. (Mendikoetxea 1999: 1578)
'Rir o riso de uma criança.'
b. *Pleurer toutes les larmes de son corps*. (Grevisse & Goosse 1993: 393)
'Chorar todas as lágrimas do seu corpo.'
c. She *slept the sleep of the just*. (Hale & Keyser 2002)
'Ela dormiu o sono do justo.'

Os exemplos apresentados em (44) não cumprem, de facto, um dos critérios favorecedores da existência de OC verdadeiros – o critério de indefinidade. No entanto, estas construções não só não apresentam um SN indefinido, como também não o aceitam, como revela a agramaticalidade de (45) para os exemplos com *reir* e *to sleep*, do Espanhol e do Inglês, respetivamente.

- (45) a. *Reir una risa de un niño.
b. *She slept a sleep of the just.

Como já sugerimos em Choupina (2013a), estamos perante expressões que funcionam como uma expressão cristalizada num determinado estágio de lexicalização; esta natureza é confirmada pela impossibilidade de ausência de modificador (46), pela impossibilidade de qualquer modificação (47).

- (46) a. *Reir *la risa*.
b. *She slept *the sleep*.
(47) a. *Reir *la risa de un adulto*.
b. *She slept *the sleep of the merited/*of workers*.

Também os testes aplicados em (48), que modificam a expressão *Pleurer toutes les larmes de son corps* (pela omissão do quantificador universal *toutes* (48a.); pela sua substituição pelo quantificador existencial *quelques* (48b); e pela ausência de modificador restritivo (48c)), mostram haver um

grau de fixação¹¹ que nos impede que a expressão¹² seja entendida como semelhante às construções cognatas analisadas neste estudo.

- (48) a. *Pleurer *les larmes de son corps*.
 b. *Pleurer *quelques larmes de son corps*.
 c. *Pleurer *toutes les larmes*.

Estas expressões são também denominadas, na literatura, ‘fraseologias verbais’, distinguindo-se, porém, de outras construções fixas (por ex.: fraseologias nominais e fraseologias adverbiais; paráfrases por verbo leve; idiomatismos e provérbios) por ocorrerem pospostas a um verbo e se encontrarem num determinado “grau de fixação sintática, não permitindo a inserção de quaisquer elementos na sua estrutura, e semântica, estando completamente idiomatizadas” (Fortunato 2009: 36), sendo que são “expressões (palavras ou sequências de palavras) cujo sentido não é completamente previsível a partir do sentido das suas partes constitutivas” (Brito 2012: 23).

Observemos, então, mais atentamente as construções com o verbo *chorar*, comparando a construção (49), e que contém um OC verdadeiro, com a construção (50).

- (49) A mãe **chorou** *um choro manso*. (*corpus*: v18; c288; Choupina 2013a)
 (50) Ricardo vira costas ao jogo, enfia a cabeça entre as mãos, **chora** *lágrimas de desespero*. (*corpus*: v18; c297; Choupina 2013a).

No exemplo (50), *lágrimas de desespero* é um SN que integra o núcleo *lágrimas* sem determinante, um *bare plural* com um nome contável e pluralizável. Estas propriedades diferenciam-no de um OC verdadeiro, como

¹¹ O grau de fixação das expressões fixas (ou cristalizações) é medido por diversos estudiosos (cf. entre outros, Athayde 2000; Plaza 2005) a partir de testes sintático-semânticos, embora tal seja assumido como uma tarefa complexa e que, dependendo dos critérios adotados, seja difícil determinar o patamar de fixação em que se encontra determinada expressão. Plaza (2005) conclui que o alto grau de fixação das combinações começa quando se inicia um processo de restrição quanto à colocação de determinantes no SN; em contraste, nas expressões menos fixas (menos lexicalizadas), o SN admite inserção de determinantes e quantificadores, assim como variações de número do núcleo.

¹² Não distinguiremos as expressões fixas ou cristalizadas de uso corrente das expressões cristalizadas (com um determinado grau de cristalização) em textos literários ou em géneros específicos. No entanto, parece-nos que a rapidez da lexicalização ou da fixação (ou melhor, a amplitude que o fenómeno atinge) poderá ser maior nas expressões de uso quotidiano ou corrente.

o de (49), *um choro manso*, cujo nome é tipicamente não-contável, ocorrendo no singular e integrando um SN obrigatoriamente indefinido e modificado.

Vejam-se mais alguns exemplos de SN com a estrutura *lágrimas de* em (51), também extraídas do corpus de Choupina (2013a).

- (51) a. ... **chorando** *lágrimas de* revolta e de solidariedade. (corpus: v18; c292)
b. ... **choravam** *lágrimas de* alegria (...) (corpus: v18; c293)
c. ... **chora** *lágrimas de* sangue (...) (corpus: v18; c294)
d. ... **chorar** *lágrimas de* ocasião (...) (corpus: v18; c308)
e. ... **chorava** *lágrimas de* água. (corpus: v18; c310)
f. ... **chorar** *lágrimas de* crocodilo. (...) (corpus: v18; c307)

Consideremos duas hipóteses explicativas para a existência destas construções com o verbo *chorar*, um verbo tradicionalmente considerado intransitivo:

i) O SN *lágrimas de...* é um objeto direto comum, um argumento do verbo *chorar*.

A favor desta hipótese está o facto de a construção *chorar lágrimas de desespero* (50) admitir a pronominalização (52a), o que aproxima o constituinte *lágrimas de desespero* de um objeto direto, isto é, um verdadeiro argumento, e o afasta do OC verdadeiro *um choro manso* em (49), que não admite a pronominalização (52b), uma vez que se apresenta como uma extensão do evento.

- (52) a. Ricardo **chorou** - as. (-as = *lágrimas de desespero*)
b. *A mãe **chorou** - o. (-o = *choro manso*)

Recorde-se que a pronominalização em -o, -a, -os e -as só acontece com um SN objeto ou argumento verdadeiro dos verbos, com caso acusativo e papel temático Objeto ou Tema. Sabendo que apenas os verbos que atribuem caso acusativo e papel temático na sua forma ativa podem entrar em estruturas passivas (Chomsky 1995), então o exemplo apresentado em (53) reitera a mesma conclusão¹³.

¹³ Cf. Choupina (2013a); Leung & Scher (2006); Leung (2007); Mittwoch (1997).

(53) Mas logo desmontou a trama: denunciou a manipulação das imagens, garantindo que *aquelas lágrimas foram choradas* na execução do hino alemão. (http://www.jn.pt/desporto/euro2012/foradejogo/Interior.aspx?content_id=2644404 03/10/2013)

Em contrapartida, a agramaticalidade da construção com OC verdadeiros, como em (52b), gerada pela pronominalização, sugere a não-argumentalidade destes objetos (cf. Horita 1996; Kitahara 2006; 2007); a mesma hipótese explica a não passivização destes OC, sendo agramatical a estrutura (54), com o verbo *chorar* na voz passiva.

(54) **Um choro manso foi chorado* pela mãe.

Não podemos esquecer que os OC como em *chorar um choro manso*, (49), têm uma leitura de evento, contrariamente aos OC aparentados e aos OH, que têm uma leitura de entidade. Como é sabido, constituintes argumentos do verbo, com leitura de entidade, são facilmente deslocados por passiva e pronominalizados; constituintes com leitura de evento e, portanto, com algum sentido predicativo aceitam com dificuldade a pronominalização. Neste sentido, a aceitação de passiva e de pronominalização e a leitura de entidade nos exemplos (51) levam-nos a colocar a hipótese de *lágrimas de...* ser um objeto direto do verbo *chorar*.

Por outro lado, *chorar lágrimas de...* parece ter algo de lexicalizado, o que nos faz refletir numa segunda hipótese explicativa para estas construções.

ii) O SN *lágrimas de...* é uma expressão lexicalizada ou cristalizada.

Segundo Vale (2001), algumas expressões verbais deste tipo podem ter “um estatuto claramente cristalizado, enquanto outras parecem ser mais livres” (Vale 2001: 40), o que leva a que algumas aceitem construções ativas e outras construções passivas.

Esta hipótese permitir-nos-á propor que *chorar lágrimas de...*, em estruturas ativas como as de (50) e (51), seja uma cristalização (cf. Vale 2001: 139-166). Segundo a tipologia das expressões cristalizadas proposta por Vale (2001), para o PB, a expressão *chorar lágrimas de...* insere-se no grupo das cristalizações em torno de um verbo (expressão cristalizada

verbal), admitindo, no estágio de fixação em que se encontra, que o verbo constitutivo siga “os paradigmas de conjugação” (Vale 2001: 36).

Aceitamos, então, que a expressão *lágrimas de...*, em construções com o verbo *chorar*, é uma expressão cristalizada, que se fixou, na língua, sem determinante e com o nome no plural (*bare plural*), distinguindo-se dos OC verdadeiros. Neste sentido, as expressões lexicalizadas apresentam inflexibilidade estrutural, embora resultando de estruturas de formação pós-sintática (Marantz 1997). No quadro da Morfologia Distribuída, estas expressões estão localizadas no módulo Enciclopédia, sendo por ele licenciadas e interpretadas, a partir da condição de localidade (Marantz 2000, 2001).

A propósito das expressões lexicalizadas ou idiomáticas, Brito (2012) discute, por um lado, os argumentos apresentados por via das teorias lexicalistas, que defendem que estas expressões se encontram já formadas no Léxico; e, por outro, os argumentos aduzidos advindos da Morfologia Distribuída. Como a própria autora refere, esta discussão sobre a geração das expressões idiomáticas encerra uma discussão maior - o modelo de interface Léxico-Sintaxe a adotar-, sendo que, a defender que as expressões idiomáticas ou lexicalizadas se encontram já formadas no Léxico, então admite-se a existência de Léxico na linha clássica da Sintaxe Gerativa, a reconhecer que estas expressões têm uma formação pós-sintática, a partir de condições de localidade situadas no módulo Enciclopédia, então o módulo gerativo de palavras e de frases é a sintaxe (sistema computacional da gramática).

Dadas as propriedades sintáticas das expressões lexicalizadas aqui analisadas e as suas proximidades com construções com OC, parece-nos que a solução da MD permite uma análise equilibrada destas combinações e das construções com verbos leves.

4. Algumas conclusões

Neste breve artigo, refletimos sobre as paráfrases de construções com OC, na posição de OD, por construções com verbos leves. Partimos das propriedades típicas dos vários tipos de OC, seguindo a linha de trabalhos

anteriores (Choupina 2013a): categoria do OC; tipo de verbo que o acolhe; estrutura do SN; restrições sintáticas e semânticas nucleares dos OC verdadeiros; alternância OC/OH.

Em primeiro, uma das conclusões que ressalta desta análise é a dificuldade em parafrasear todas as construções cognatas por construções com verbos leves, dados os possíveis tipos de verbos leves existentes nas línguas, o que revela a pertinência desta linha de investigação e a necessidade de definição de tipos de OC e de tipos de construções com verbos leves. Em segundo, as propostas teóricas aduzidas, nomeadamente a de Mirto (2007) e a de Gonçalves et al. (2010), permitiram-nos sustentar uma tentativa de solucionar a problemática relação entre os tipos de construções em estudo, pela proposta de uma classificação escalar de tipos de verbos – sendo que os verbos com OC estariam entre os verbos plenos e os verbos leves. Em terceiro, parece-nos que alguns exemplos são expressões mais ou menos inflexíveis e que, não estando sujeitas às mesmas restrições de boa-formação que os OC, não põem em causa estas estruturas.

Quanto à geração, entendemos que as expressões lexicalizadas são de formação pós-sintática, que, no quadro da Morfologia Distribuída, ficarão armazenadas no módulo Enciclopédia, sendo por ele licenciadas e interpretadas a partir da condição de localidade.

REFERÊNCIAS

- Athayde, M. F. 2000. *A estrutura semântica das construções com verbo-suporte preposicionadas do português e do alemão*. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra: edição de autor.
- Brito, A. M. 2012. Sobre a divisão de trabalho entre Léxico e Sintaxe: algumas reflexões. Costa, A.; Flores, C., & Alexandre, N. (Orgs.). *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL: 1-44.
- Brito, A. M. 2013. A formação de nomes deverbais em -da em Português Europeu: contribuição para uma abordagem sintática. F. Silva; I. Falé; I. Pereira; & J. Veloso (Orgs.). *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra: APL, 169-188; acessível em: https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/BRITO_2013.pdf

- Brito, A. M. 2016. Entre a Morfologia e a Sintaxe: a formação de nomes deverbais em *-da* em Português Europeu. A. Ledgeway; M. Cennamo; G. Mensching (eds.). *Actes du XXVII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Nancy, 15-20 juillet, 2013). Section 4: Syntaxe. Nancy: ATILF, 37-47.
- Butt, M. 2010. The Light Verb Jungle: Still Hacking Away. In M. Amberber, B. Baker & M. Harvey (Eds.) *Complex Predicates: Cross-linguistic Perspectives on Event Structure*, Cambridge: Cambridge University Press 978-0-521-88667-3; acessível em <http://ling.uni-konstanz.de/pages/home/butt/main/papers/cp-volume.pdf>
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*, Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Choupina, C. 2013a. *Regência, Transitividade e Intransitividade: Noções e Critérios. Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras, Porto, Portugal.
- Choupina, C. M. 2013b. Dos objetos cognatos às construções com verbos leves. In *Atas do IV Simpósio Mundial de Ensino da Língua Portuguesa*. Língua Portuguesa: ultrapassando fronteiras, unindo culturas., Goiânia/Brail, 1655-1664.
- Choupina, C., & Brito, A. M. 2018. Dar um beijo é a mesma coisa que dar um espirro? Para uma análise sintático-semântica de diferentes valores do verbo leve *dar* em Português Europeu. In: J. Veloso et al. (Eds.). *A Linguística em Diálogo. Volume Comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 153-176.
- Fortunato, I. V. 2009. Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte. In *Domínios de Linguagem. Revista Eletrônica de Linguística*, Ano 3, nº 1, 1º semestre: 30-60; disponível em www.dominiosdelinguagem.org.br.
- Gallego, Á. 2012. A note on cognate objects: cognation as doubling. In K. Bentzen & A. Fábregas (eds.) *Nordlyd* 39.1: University of Tromsø: 95-112. Disponível em <http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/>. Acesso em: 11, maio, 2012.
- Gonçalves, A. et al. 2010. Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva. In *Textos Selecionados, Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, XXV, 2010, Porto. Atas, Porto: APL, 449-464.
- Grevisse, M. & Goosse, A. 1993. *Le bon usage*. Paris: Duculot
- Hale, K. & Keyser, S. J. 2002. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press.
- Halle, M. & Marantz, A. 1994. Some Key Features of Distributed Morphology. In A. Carnie, H. Harley & T. Bures, (eds.) *Papers on phonology and morphology*. MIT Working Papers in Linguistics, 21, 275-288.

- Haugen, J. 2009. Hyponymous objects and Late Insertion. In *Lingua* 119, Elsevier: 242-262.
- Jones, M. A. 1988. Cognate objects and the case filter. *Journal of Linguistics* 24: 89-110.
- Kitahara, K. 2007. On the Predicative Cognate Object construction and the Adjunct Resultative Construction: A Construction Grammar Approach to language Universals. In *Tsukuba English Studies*, vol. 26: 67-90. Disponível em: <http://www.tulips.tsukuba.ac.jp/imedio/dlam/M92/M921496/6.pdf> . Acesso em: 27, maio, 2012.
- Leung, R. 2007. *Um estudo sobre os objetos cognatos e os adjetivos adverbiais no português do Brasil*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dl/pos/teses/LEUNGrenata.pdf> . Acesso em: 20, mar, 2012.
- Leung, R., Scher, A. 2006. Os Objetos Cognatos e os Modificadores Adverbiais. In *Estudos Linguísticos*, 35: 1668-1676; disponível em <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/978.pdf>.
- Marantz, A. 1993. Implications of Asymmetries in Double Object Constructions. In Mchombo, S. A. (eds.) *Theoretical aspects of Bantu Grammar*, Vol. 1. Stanford: CSLI Publications, 113-150.
- Marantz, A. 1997. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In A. Dimitriadis & L. Siegel, eds., *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Philadelphia: University of Pennsylvania, 201-225.
- Marantz, A. 2000. *Reconstructing the lexical domain with a single generative engine*. Mass.: MIT.
- Marantz, A. 2001. Words and things. *Handout of a talk at the XX West Coast Conference on Formal Linguistics*, University of Southern California, 29 p.; disponível em <http://web.mit.edu/marantz/Public/ALI/Handouts/ALIThird.pdf> (acedido em 30/05/2012).
- Massam, D. 1990. Cognate objects as thematic objects. In *Canadian Journal of Linguistics* 35: 2: 161-190.
- Mendikoetxea, A. 1999. La inacusatividad en la tipología verbal del español. In I. Bosque, / V. Demonte (eds.) *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 2. Madrid: Espasa Calpe, 1575-1629.
- Mirto, I. M. 2007. Dream a little dream of me: Cognate Predicates in English, comunicação apresentada à *26th conference on Lexis and Grammar*. Bonifacio, Università di Palermo. 2-6 outubro 2007. [On-line], disponível em <http://infolingu.univ-mlv.fr/Colloques/Bonifacio/proceedings/mirto.pdf> (acedido em

- 30/05/2012).
- Mittwoch, A. 1998. Cognate objects as reflections of Davidsonian event arguments, in S. Rothstein (org.), *Events and Grammar*, Kluwer. Dordrecht, 309-332.
- Moltmann, F. 1989. Nominal and Clausal Event Predicates. In *CLS 25*: 300-314. Disponível em <http://semantics.univ-paris1.fr/pdf/Nominal%26Clausal-Event-Predicates.pdf> (20/12/2012).
- Plaza, A. B. 2005. *Combinaciones verbonominales y lexicalización*. Frankfurt: Peter Lang.
- Pustejovsky, J. 1998. *The Generative Lexicon*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Real-Puigdollers, C. 2008. The Nature of Cognate Objects. A Syntactic Approach. In *Proceedings ConSOLE XVI*: 157–178. Disponível em: <http://media.leidenuniv.nl/legacy/console16-real-puigdollers.pdf> . Acesso em: 27, maio, 2011.
- Silva, M. 2010. *As Construções com Objeto em Português: análise baseada no uso de um desencontro sintático-semântico e sua modelagem formal pela gramática das construções*. Tese de doutoramento em Linguística - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em <http://www.ufjf.br/framenetbr/publicacoes/>. Acesso em: 20, abr, 2012.
- Takami, K. & Kuno, S. 2002. Doozoku Mokutekigo Koobun to Hi-nookakuasei, *Nichieigo no Jidooshi Koobun*, Tokyo: Kenkyusha, 133-177.
- Vale, O. 2001. *Expressões Cristalizadas do Português do Brasil: uma proposta de tipologia*. Dissertação de Doutorado. Vol. I. Brasil-Araraquara: edição de autor.